

Estudo prevê recuperação de devedores

Washington, Mar del Plata e Viena — Brasil, México e Venezuela poderão recuperar sua confiança junto ao mercado financeiro internacional em 1986 ou 1987, enquanto a Argentina deve levar mais tempo devido à demora em formalizar um acordo com o Fundo Monetário Internacional. A previsão consta de um estudo elaborado por William Cline, do Instituto de Economia Internacional, de Washington.

“As projeções mostram que o problema é de iliquidez, não de insolvência dos países endividados”, afirma. O estudo analisa essas projeções e arrisca uma perspectiva ainda mais promissora que a do ano passado em vista da recuperação da economia mundial, com a possibilidade de um aumento do crescimento dos países industrializados de 4% este ano.

Ele se baseia na noção de que o problema da dívida é manobrável e que os esforços do FMI e da comunidade bancária para resolvê-lo está dando resultado. Cline estima que os países devedores estão ajustando suas economias mediante a redução do déficit público, aumento das exportações e redução das importações.

E observa que as projeções atualizadas são muito mais favoráveis do que as estimativas originais para Venezuela, substancialmente mais favoráveis para o México, marginalmente menos favoráveis para o Brasil e significativamente menos favoráveis para a Argentina.

Os 11 países mais endividados da América Latina, que formam o grupo de Cartagena, começam hoje uma reunião em Mar del Plata, Argentina, destinada a encontrar uma estratégia comum para solucionar a dívida externa da região, avaliada em 328 bilhões de dólares.

O grupo de Cartagena, que se reuniu em junho na Colômbia, é integrado por Brasil, Argentina, México, Venezuela, Colômbia, Chile, Equador, Uruguai, República Dominicana, Peru e Bolívia. Os quatro primeiros são os mais endividados da região, com compromissos de 267 bilhões 400 milhões de dólares.

Em Viena, o Ministro do Planejamento do Paquistão defendeu a criação de um organismo paralelo dentro do Fundo Monetário Internacional para lidar somente com a dívida do Terceiro Mundo, estimada em 800 bilhões de dólares. Ele fez a proposta na abertura de uma conferência internacional sobre o problema da dívida, patrocinada pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD).